

COLUNA DO HERÓDOTO

De olho no Banco Central



Heródoto Barbeiro (*)

Ninguém imagina que possa ocorrer um embate entre o presidente do Brasil e o do Banco Central.

O Banco Central pode influenciar os rumos econômicos e financeiros do país. Mas a indicação deve ser uma atribuição dele, assim como a nomeação de ministros do governo. Autoridade monetária é um conceito que não se encontra nem no vocabulário administrativo nem no político do país.

O Brasil vive há tantos anos sem a existência de um Banco Central e pode continuar existindo sem ele, dizem os mais céticos. O Banco do Brasil faz, e muito bem, esse papel desde os tempos da fundação do Império e da República. Por que agora mudar e criar uma divisão na conduta da política econômica da nação?

Este é um dos temas que frequentemente provoca reação das elites nacionais, especialmente dos banqueiros, herdeiros de instituições obtidas graças às influências das oligarquias regionais no governo federal. A oposição critica a proposta de um Banco Central. Causa arrepio nos partidos de esquerda a divulgação de que o Banco Central possa ter autonomia, ou até mesmo independência, como ocorre nos Estados Unidos e Europa.

A acusação principal é que ele vai garantir os ganhos da elite apelidada de rentista, isto é, os que têm dinheiro e investem ou nas bolsas de valores ou na compra de títulos de dívida pública, cuja remuneração está atrelada à taxa Selic calculada pelo banco.

O aumento dessas taxas é considerado um remédio para o combate à inflação, mas isso nunca foi aplicado até o presente momento. Grupos de liberais, entre eles acadêmicos, gastam papel e tempo com teses sem efeito na política do dia a dia. As propostas de controle da inflação que são divulgadas

nas campanhas presidenciais são ou inexequíveis ou simplesmente não existem. Não estão ao alcance da população e, principalmente, dos eleitores. Ele é jocosamente apelidado pela esquerda de Bob Field.

Roberto Campos é visto como um aliado dos interesses do Tio Sam no Brasil por meio da abertura da economia para as grandes empresas estrangeiras. Especialmente as americanas. A esquerda faz forte oposição a ele e a sua contribuição para a fundação de um Banco Central. É uma cópia do Federal Reserve, descrevem os panfletos do partido distribuídos nos terminais de trens e ônibus das grandes cidades brasileiras.

Do outro lado, os economistas liberais, entre eles Roberto Campos, dizem que os objetivos do banco são o de garantir a estabilidade do poder de compra da moeda e solidez e eficiência do sistema financeiro. O projeto da criação do banco rola há pelo menos dez anos. O debate descamba do campo técnico para o ideológico e coloca liberais de um lado e esquerdistas de outro. As lutas eleitorais para a presidência da República empurram o projeto de mandato para mandato. Finalmente, em dezembro de 1964, o decreto presidencial assinado por Castelo Branco funda o Banco Central.

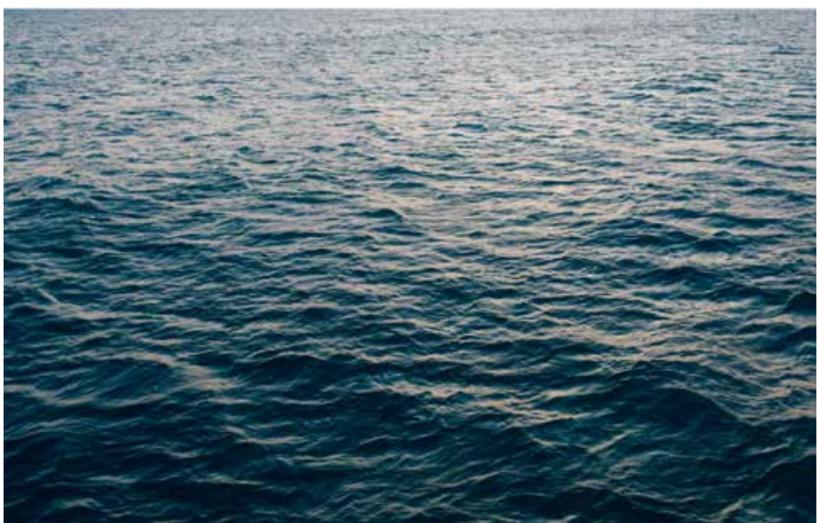
No início do ano seguinte, Dênio Nogueira se torna o primeiro presidente do Banco Central do Brasil. Os grandes desafios são, entre eles, a reforma do sistema financeiro nacional. O Banco do Brasil, que ocupava essa posição desde o século 19, passa a ser um banco comercial de capital estatal e privado e deixa a função de organizar a moeda. Mas isso não garante que no futuro as influências políticas no banco não deixarem de acontecer, e novos embates já estão no radar.

(*) É âncora do Jornal Nova Brasil e colunista do R7, apresentou o Roda Viva na TV Cultura, Jornal da CBN e Podcast NEH. Tem livros nas áreas de Jornalismo, História. Mídia Training e Budismo www.herodoto.com.br.

Microsoft descontinua experimento de data centers subaquáticos

A Microsoft descontinuou seu experimento de data center subaquático, o Projeto Natick, iniciado em 2013. A ideia era verificar se os custos de refrigeração poderiam ser baixados.

Kelly_de_Pexeto_CANVA



Vivaldo José Breternitz (*)
Noelle Walsh, executiva da empresa, disse que o experimento foi um sucesso, e que o aprendizado obtido será aplicado no futuro.

Espera-se que os data centers cresçam exponencialmente nos próximos anos, tendo a Nvidia vendido mais de 3,76 milhões de GPUs para data centers apenas em 2023; acredita-se que essas placas consumirão 14,3 TWh de eletricidade por ano, sem considerar a energia utilizada para refrigeração, que usualmente representa 40% do consumo de um data center.

O experimento, que teve os primeiros servidores instalados na costa escocesa em 2018, trouxe outros números interessantes: foram perdidos apenas seis dos 855 servidores submersos, contra os oito servidores que precisaram ser substituídos (do total de 135) no experimento paralelo que a Microsoft realizou em terra. Isso equivale a uma perda de 0,7% no mar versus 5,9% em terra.

A empresa disse que a principal razão para essa longevidade dos servidores é a estabilidade da temperatura da água do mar e o nitrogênio inerte usado para proteger os servidores.

Embora a Microsoft tenha concluído seu experimento, a China iniciou projeto similar em 2023, instalando um grande data center submerso na costa sul de Hainan.

Face à enorme capacidade de processamento necessária às aplicações de inteligência artificial, a Microsoft segue desenvolvendo projetos ligados à data centers, considerando a possibilidade de

utilizar pequenas usinas nucleares para gerar a eletricidade necessária aos mesmos, bem como, ao que se comenta, estar trabalhando em parceria com a OpenAI na construção de um data center de US\$ 100 bilhões.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor da FATEC SP, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Cinco benefícios da implementação de contratos digitais no setor de Recursos Humanos

A rotina dos departamentos de Recursos Humanos (RH) é cercada por atividades complexas, especialmente se tratando da documentação que envolve a jornada do colaborador, como contratos, termos aditivos, autorização de férias, licenças e desligamentos. Nesse contexto, as plataformas de assinatura digital cumprem uma função essencial para descomplicar a área, sobretudo, em um cenário no qual o trabalho remoto se tornou uma realidade para muitas empresas.

Pensando em auxiliar os profissionais de RH a terem uma melhor visão sobre os benefícios oferecidos por essa tecnologia, Nahim Silva, CFO da D4Sign, plataforma de assinatura eletrônica e digital, e Gabriela Marinho, coordenadora administrativa da empresa, elencaram alguns pontos importantes para considerar ao implementar a ferramenta na rotina de trabalho. Confira:

Mais agilidade e Menos burocracia

Em primeiro lugar, a utilização de uma plataforma de assinaturas digitais tem o potencial de elevar significativamente a eficiência operacional das equipes de RH, simplificando a maneira de como os documentos são criados, distribuídos e assinados.

“A gestão de documentos torna o processo muito mais ágil, pois não há necessidade de realizar uma operação demorada que inclui a impressão, coleta manual de assinaturas, digitalização e organização de papelada, uma vez que tudo é feito dentro da plataforma, dispensando, também, a exigência de encontros presenciais. Como resultado, o tempo que antes era gasto em tarefas burocráticas pode ser direcionado para atividades estratégicas, como recrutamento, gestão de talentos e desenvolvimento organizacional”, explica Gabriela.

Redução de custos operacionais

Por sua vez, Nahim ressalta que a transição de documentos físicos para o modelo digital também traz uma série



de benefícios financeiros para o departamento de RH. Ao diminuir o uso de papel, é possível cortar drasticamente alguns custos que vão além desses próprios insumos, incluindo caixas, armários ou até mesmo salas para armazenamento, que demandam, também, escritórios maiores, juntamente à manutenção de impressoras por uso constante. Tudo isso, somado às despesas com o envio de documentos para outros locais, que se duplicam caso haja algum erro no material.

Segurança de dados e armazenamento: apoio na LGPD

Outro ponto importante é a confidencialidade de dados, preocupação central para os departamentos de RH, que lidam com uma grande quantidade de informações sensíveis sobre os colaboradores.

“Nesse contexto, as plataformas de assinatura eletrônica oferecem um nível mais elevado de segurança, visto que utilizam criptografia e autenticação avançadas para proteger a integridade e a privacidade dos documentos, tratando todos os dados em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Além disso, o armazenamento de arquivos em nuvem oferece uma camada adicional de proteção contra perdas e acesso não autorizado”, diz Gabriela.

Reforço das práticas ESG

As empresas estão cada vez mais foca-

das em adotar práticas que se alinhem à agenda ESG, e a tecnologia é uma forte aliada para tornar as operações mais sustentáveis. Diminuir o uso de documentos físicos significa diminuir, também, a pegada de carbono e a geração de resíduos associados à produção, transporte e descarte de papéis. Paralelamente, isso contribui na construção de uma cultura organizacional sólida, considerando que os valores da sustentabilidade devem fazer parte do cotidiano operacional de uma empresa, não se limitando apenas a ações pontuais.

Transformação digital no RH

A transformação digital tem viabilizado novas soluções para otimizar a rotina dos departamentos de RH, desde a elaboração até a leitura de documentos. “O CLM é capaz de otimizar o tempo na gestão de contratos a partir da padronização de alguns processos, com fluxos mais curtos e assertivos. Já a D4Sign.AI, funcionalidade que utiliza inteligência artificial, auxilia os signatários a ter uma melhor compreensão dos documentos, fornecendo um resumo das cláusulas mais importantes e um chatbot que responde dúvidas simples em tempo real. Juntas, as ferramentas podem agilizar o processo de contratação e fortalecer a transparência da empresa com seus colaboradores, criando uma boa experiência desde os primeiros momentos” finaliza Nahim.

News @TI

Solução de GenAI para análise e gestão de riscos exponenciais

A Moody's apresentou na manhã desta quinta-feira o CreditView Research Assistant, produto de Inteligência Artificial Generativa (GenAI) que apoia companhias dos mais variados segmentos na tomada de decisões com base em riscos das mais diversas frentes, indo além do crédito. Santiago Villegas, diretor de Desenvolvimento de Negócios da Moody's para América Latina, informa que a parceria com a Microsoft fortalece a posição da Moody's nessa frente. “Isso nos coloca na vanguarda das soluções tecnológicas, ajudando o cliente a adquirir resiliência frente aos cenários desafiantes. Os riscos estão cada vez mais interligados, e analisá-los de forma separada se torna a cada dia mais delicado”, declara. - Tadeu Teles, country manager da Moody's para o Brasil, explica que a GenAI faz uso da Large Language Mode (LLM), modelo que se baseia em probabilidades. “Um exemplo de LLM no nosso dia a dia é o corretor de texto do celular, para dar uma ideia.